

Titel: Favela Journalismus

Datum: 17.11.2018

Uhrzeit: 11:00 Uhr

Podium/Input: Lana de Souza (Coletivo Papo Reto)

Moderation : Alexandra Sitenko (Heinrich-Böll-Stiftung)

Protokoll: Fabiana Kuriki

Jornalismo alternativo

Lana de Souza é jornalista, cofundadora do Coletivo Papo Reto, uma iniciativa fundada em 2014 no Complexo do Alemão e coordenadora de comunicação do DEFIZAPP (Defesa + WhatsApp), uma iniciativa que denuncia a violência policial do RJ (<https://defezap.org.br>).

Sobre o Coletivo Papo Reto

Formado por jovens em 2014, o Coletivo Papo Reto se tornou fortemente por meio das redes sociais e com vídeos no YouTube. Como um coletivo de comunicação independente composto por jovens ativistas moradores dos Complexos do Alemão, a iniciativa trabalha pela defesa dos direitos humanos e a segurança dos moradores da comunidade, que sofrem constantemente com a violência local e a violência policial.

Segundo Lana, em uma fase do coletivo, a atuação do Papo Reto inibia a violência da polícia, pois os policiais se incomodavam com os registros e a influência do coletivo no Complexo do Alemão. No entanto, avalia Lana, que isso não é mais uma realidade. Os policiais não têm vergonha de ser pegos fazendo violações.

O 'excludente de ilicitude', defendido pelo presidente eleito, significa que policiais podem matar um 'suspeito' durante um tiroteio, ao responder por homicídio, poderão recorrer a esse dispositivo de 'excludente de ilicitude' para não serem punidos. Isso significa que um ato de violência policial, mesmo que se filmado na favela, pode vir a não ter uma punição como consequência.

Mesmo assim, o trabalho do Papo Reto é necessário, afinal, como estaria a comunidade hoje se não fossem os grupos que registram esse tipo de violação?

Vídeo sobre o Coletivo Papo Reto: <https://www.youtube.com/watch?v=Vd5kEO4SG5Q>

Pergunta de participante: quando os policiais passaram a não se intimidar mais?

A mudança foi gradativa, acontecendo organicamente, mais intensamente a partir de 2016. A morte do jovem Eduardo* foi em 2015 e foi um ano, em que o Complexo do Alemão foi marcado por intenso tiroteio nos 100 primeiros dias do ano. A falência da UPP foi um processo que não funcionou, mas a partir de 2015 ficou evidente.

Pergunta de participante: o acesso a difundir informações é uma militância fundamental. Mas gostaria e saber quais canais o Coletivo Papo Reto usam/usaram, além do Whatsapp. A grande desvantagem é que não se em um arquivo, se for só rede social. É muito difícil descrever e analisar um contexto mais amplo e incluir perspectivas históricas. Mídias sociais são 200 caracteres, você escuta e amanhã esqueceu.

Isso é uma coisa que o Coletivo Papo Reto demorou para perceber. O trabalho era pulverizado e se perdia, principalmente nos vídeos relacionados à alguma violação. No caso dos vídeos-prova, eles são arquivados. Nas redes sociais é difícil conseguir dar corpo a uma denúncia porque tem quase que uma naturalização da pauta. Ao longo do tempo, um post choca, incomoda. No dia seguinte, as pessoas cansam, pois a notícia de violência torna-se comum. E passa a ser comum ver um vídeo de violação. É difícil manter a motivação para denunciar para a grande maioria.

A partir do momento que entenderam que precisavam criar uma alternativa mais robusta, o coletivo passou a fazer pesquisas internas, mas não com pesquisadores acadêmicos, mas com pessoas do próprio território, pessoas que façam diferença no contexto local. Na política de redução de danos, trabalham com os moradores e focam para que o projeto e pesquisa venha de uma participação da comunidade. O coletivo deseja fazer uma pesquisa que tenha um mínimo de retrato do Complexo do Alemão.

A dificuldade com as redes sociais existe, pois é fácil falar nas redes sociais, porém é difícil ser ouvido. No Papo Reto fazem uma análise das suas

publicações. O engajamento e alcance orgânico é muito alto, tanto de moradores, quanto de fora, como pessoas que entram em contato (famílias) e outras mídias.

O coletivo tem tentado fazer uns programas para pautar o território, porém atualmente está parado, pois a violência toma a maioria da energia.

A dificuldade consiste em como pautar outros assuntos, além da violência? A dúvida fica entre: o coletivo fala o que as pessoas querem ouvir ou as pessoas ouvem isso, porque eles só estão falando nisso (violência)?

Pergunta de participante: como se animam para fazer esse trabalho?

Eles demoraram para entender que devem tomar certos cuidados. Sempre consideraram que a visibilidade é importante para o trabalho, pois trazia uma segurança, se acontecesse. Mas hoje não resolve muito. E a proteção psíquica é relativamente nova.

Pergunta de participante: como se organizam para conseguir recursos e infraestrutura necessários. E sobre a questão de segurança: são acompanhados por mídia internacional. Isso seria uma proteção?

A maneira como tratam a matéria não tem a ver com sensacionalismo, e sim como eles enxergam a informação. Sobre recursos, aprenderam instintivamente. Também tiveram um treinamento com o Witness (<https://lab.witness.org>). Aprenderam o que é um vídeo-prova, o que é importante em um processo judicial. E sobre como se comunicar localmente, hoje entendem o que faz sentido ao se comunicar na comunidade.

Para eles, fazer comunicação comunitária é uma questão de ativismo. Eles foram conseguindo se manter com doações e doações de equipamentos. Em agosto de 2018 foi a primeira vez que conseguiram recursos para pagar para que pessoas possam produzir e trabalhar. Isso é uma vitória para o coletivo. Todos os apoios são internacionais. É difícil no Brasil que se entenda que o que o coletivo faz, é algo que o Estado não quer que seja feito. Por exemplo: eles possuem um *crowdfunding* com a Brazil Foundation.

Eles fazem uma campanha que chama Abraço o Brasil. São vários projetos e cada um tem uma meta específica. A meta do Papo Reto é principalmente para garantir equipamentos.

Atualmente estão se estruturando para conseguir apoios internacionais e recursos para continuar o trabalho. Essa rede de apoio de parceiros internacionais nesse momento é crucial.

Pergunta de participante: sobre a conjuntura política atual. Vocês tomaram uma postura política? Como comunicam política? E se fizeram isso, vocês foram derrotados, pois o presidente eleito ganhou no Complexo do Alemão com muita vantagem. A direta esta usando os métodos que vocês usaram. Isso não é um perigo?

Não fizeram apoio direto partidário. Mas claramente, com a esquerda. Estavam alinhados com o discurso e com uma pauta democrática. No início não se posicionavam, e se focavam mais sobre a pauta específica da violência no Complexo do Alemão. Mas publicamente se manifestaram, após o primeiro turno, especialmente quando uma colega em MG foi agredida por usar um adesivo EleNão. Mas o principal trabalho foi nos grupos, com moradores do alemão, especialmente para o esclarecimento dos fake news. Tentaram fazer um trabalho interno, porque as redes sociais virou uma rede de briga de egos.

Pergunta de participante: nesse trabalho com Direitos Humanos, como lidar com as instâncias de denúncias?

Em um caso específico, no início do ano por exemplo, os policiais das diferentes UPPs dos morros do Complexo do Alemão invadiram casas e fizeram delas suas bases policiais. Eles justificaram como sendo áreas estratégicas e simplesmente invadiram as casas e entraram nelas. Os moradores das residências, quando voltaram, encontraram os policiais em suas casas e não puderam voltar para suas casas.

Demorou 5 meses para que os policiais saíssem de todas as casas e nesse processo aconteceu de tudo. Audiência pública, manifestação, demonstrações virtuais e ao vivo, pressão e tudo foi documentado. Um dia, uma emissora subiu o morro fazendo uma transmissão ao vivo e conseguiram flagrar os policiais. E fizeram uma boa documentação do Papo Reto, numa parceria com o DEFIZAP e conseguiram encaminhar para os órgãos de controle externo da policia. Com isso, conseguiram responsabilizar a alta patente, sendo que geralmente, quem é responsabilizado é o soldado. Neste caso, o comandante do UPP local foi responsabilizado pelos crimes. O comandante geral das UPPs também foi responsabilizado pelos crimes, por constrangimento legal e invasão de domicilio.

Isso aumentou o perigo aos membros do coletivo Papo Reto, mas entenderam um meio de fazer a responsabilização, não só da ponta mas como da cadeia de comando.

Pergunta de participante: como trabalham as denúncias nesses projetos com a grande mídia e quem trabalha com o coletivo?

No caso da morte do Eduardo, um dos membros que trabalhava para uma grande emissora, ele entrou ao vivo do Complexo do Alemão. Isso foi uma exigência do Papo Reto e eles exigiram que o coletivo entrasse ao vivo e falasse a partir do olhar local. Mas entenderam que estar de fora das corporações da grande mídia é o seu papel, para poder criticar.

Em outro projeto, o Parceiro do RJ em 2011, jovens de favelas de algumas regiões do Rio de Janeiro faziam reportagens do seus territórios. A única coisa é que não poderiam abordar é a violência local. A proposta era falar das questões sociais e culturais.

Caso: Morte do Eduardo, uma criança de 10 anos morto por policiais no Complexo do Alemão

Vídeo exibido: <https://www.youtube.com/watch?v=OdBSLcjwtIE>

Essa experiência foi um momento decisivo e entenderam que queriam continuar falando para a favela e com a favela.

A reflexão do coletivo foi em como não parecer sensacionalista, em um vídeo denúncia. Se por um lado, as pessoas não acreditam nas dores que eles vivenciam na favela, por outro não queriam correr o risco de parecer sensacionalistas. Eles queriam deixar a imagem de que as pessoas vissem a dor que a mãe de Eduardo estava sentindo.

Neste caso, o Papo Reto foi a primeira mídia a registrar o ocorrido. Uma das moradoras do Complexo do Alemão, ao ver o assassinato, ela chamou o coletivo Papo Reto imediatamente.

Os policiais impediram que as pessoas chegassem ao local, mas como os moradores identificaram os membros do Papo Reto, eles permitiram com que entrassem pelas suas casas para acessar a laje e foram pulando de casa em casa, até chegar em uma casa que estava diretamente de frente ao ocorrido.

Quando os policiais perceberam que eles estavam na laje, os policiais tentaram ficar em pé para impedir que eles vissem as imagens do Eduardo.

Isso também mostra como os moradores têm confiança e relação com o trabalho do Papo Reto. Tem uma diferença clássica, porque um jornalista da TV não entra em um beco na favela. Eles não entendem o que acontecem porque eles não chegam até o local. Já os coletivos locais sabem e conhecem a geografia.

No caso do Eduardo foi a primeira vez em que a morte de uma pessoa de uma favela teve uma reconstituição.

Para mais informações sobre o caso do Eduardo: <https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/killed-son/>

Parte prática

Na última parte da atividade, os participantes tiveram que encenar um caso de violência policial e Lana identificou as principais características da abordagem policial e do trabalho do coletivo Papo Reto, no registro de uma violação.